

Senado: dia de Morro do Alemão

O plenário do Senado já viveu tragédias como a de um senador matando outro a tiros, momentos de risco institucional como o julgamento e o impeachment de um presidente da República e até cenas surpreendentes como a de um poderoso senador, dedo em riste, mandando outro poderosíssimo senador ficar caladinho. Mas, em matéria de constrangimento, a sessão de ontem à tarde em que senadores se revezavam defendendo o afastamento do cargo de seu presidente, Renan Calheiros – de corpo presente – bateu todos os recordes. Poucas vezes se viu tarde tão tensa, comparada por um dos integrantes da Casa a uma espécie de missa de sétimo dia de um defunto vivo. E muito vivo. Petrificado na cadeira de presidente, Renan não piscou: daqui eu não saio, daqui ninguém me tira.

Mas foi também uma tarde curiosa, rica em lições sobre a natureza humana e a natureza efêmera do poder. Nenhum dos pesos pesados que defenderam o afastamento de Renan alegando que a Casa vem ficando desmoralizada com as sucessivas idas e vindas e manobras no Conselho de Ética declarou-o culpado. Há mesmo pesquisas mostrando que, na votação fatal, que é secreta, a maioria ficaria hoje a favor de Renan por não ver motivos para cassá-lo. Mas no plenário aberto aos refletores de ontem o cordão foi no tom oposto. Nunca se viu alguém perder apoio político de forma tão nítida, ao vivo e em cores, em tão pouco tempo.

Tucanos, que até uma ou duas semanas atrás viam o caso com cautela, como Arthur Virgílio e Tasso Jereissati, foram à tribuna defender a licença de Renan da função de presidente. Sérgio Guerra (PSDB), Cristovam Buarque (PDT), Demóstenes Torres (DEM) e mais uns dez senadores seguiram-se em apartes implacáveis. O principal argumento? A opinião pública e a imagem do Senado. O presidente da Casa, que havia feito um pronunciamento inicial, interrompeu e, repetindo que não renunciaria, indagou de seus pares de qual crime está sendo acusado. "Quebra de decoro", rebateu imediatamente Demóstenes. Nunca se viu tal diálogo.

No pior momento do debate, não estava em plenário nenhum dos cardeais aliados de Renan. Os que lá estavam não abriam a boca. "Cadê o Tião (Viana), o Sarney, a Roseana, o Mercadante?", indagava um nervoso assessor. Mercadante chegou atrasado. Romero Jucá lá estava e não falou. A defesa de Renan ficou restrita ao exército de Brancalione que já atuava de forma duvidosa no Conselho de Ética. O líder do PMDB, Valdir Raupp, teve a brilhante idéia de dizer que ninguém pode falar porque todo político é processado, puxando exemplo mais infeliz ainda: o falecido Mário Covas, de memória irrepreensível. Queixos caíram. O indefectível Almeida Lima (PMDB-SE), também em defesa de Renan, começou seu pronunciamento dizendo que não estava entendendo o que se passava.

O presidente do Senado não vai se afastar. Sabe que, num caso desses, quem sai não volta à cadeira de presidente. Vira uma espécie de morto-vivo com mandato. Vai esperar, até porque ninguém sabe bem o que vai acontecer. O Senado viveu ontem seu dia de Morro do Alemão e o tiroteio ainda não acabou.